

A EDUCAÇÃO NA DIALÉTICA SOCRÁTICA

A SOCRATIC-DIALECTIC-BASED EDUCATION

Ediovani Antônio Gaboardi¹

RESUMO

O presente trabalho investiga o diálogo *Mênon* de Platão, escrito por volta de 402 a.C. O objetivo é apresentar a forma como Sócrates entende o aprendizado. No diálogo, Mênon afirma que o conhecimento é impossível, pois quem não conhece algo também não sabe onde procurá-lo nem reconhecê-lo quando o encontrar. Sócrates, por sua vez, defende que o aprendizado é possível, porque é, no fundo, memorização. Já conhecemos a verdade, basta lembrar-se dela. Em diálogo com um escravo de Mênon, Sócrates leva a que ele mesmo desenvolva noções de geometria, através de um jogo de perguntas e respostas. Esse jogo estimula o escravo a expor seus pontos de vista, seus preconceitos e seus erros. Pela evidenciação dos próprios erros, o escravo é obrigado a superar suas concepções. Sócrates desenha no chão um quadrado de quatro pés de superfície e pede que o escravo faça outro com o dobro da superfície. O escravo imagina que esse novo quadrado deve ter os lados com o dobro do comprimento daqueles do primeiro quadrado. Sócrates não afirma simplesmente que isso está errado, mas também não se mantém indiferente diante do erro do aluno. Por meio do jogo dialético das perguntas e respostas, ele leva o escravo a se dar conta do próprio erro. Este é o papel do professor: em primeiro lugar, mostrar que o aluno já sabe algo e que isso deve ser o ponto de partida de qualquer processo de aprendizagem; e, em segundo lugar, ajudar o aluno a flagrar-se no erro e, conseqüentemente, a se aproximar mais da verdade.

Palavras-chave: Dialética. Educação. Sócrates.

ABSTRACT

The present study investigates Plato's dialog *Meno*, written about 402 AC. Its objective is to present the manner Socrates understands learning. In the dialog, Meno asserts that knowledge is impossible if someone is unaware of the existence of something, and does know where to find it, and recognize it when s/he sees it. Socrates, in turn, supports that learning is possible because, in fact, it is rememoration. Yet the truth is already known and should be recalled. Talking to one of Meno's slaves, Socrates drives himself to develop notions of geometry through a dialectic game of questions and answers. This game triggers the slave to express his points of view, prejudice and errors. By the evidence of his own errors, the slave is obliged to overcome his opinions. On the floor, Socrates draws a 4-foot square of surface, and requests the slave to draw another one twice the size of the one he had drawn. The slave imagines that the sizes of this new square should have double length of the first square. Not only does Socrates assert of the error, but he also demonstrates his attention to students' errors. By means of the dialectic game of questions and answers, he incites the slave to be aware of his own error. This is the role of the teacher: first, by showing that the student already knows something and that this should be the start point for any learning process; and, second, by helping the student to notice of his own error and, consequently, to be closer to the truth.

Key Words: Dialectics. Education. Socrates.

Dialética é uma palavra com muitos significados na filosofia. Nas obras de Platão, a dialética significa, principalmente, diálogo. Claro, não qualquer tipo de diálogo. Não é a simples troca de informações. A dialética acontece quando os

¹ Professor do Departamento Acadêmico de Ciências da Educação, da Universidade Federal de Rondônia, Campus de Vilhena/RO. E-mail: gaboardi42@gmail.com

interlocutores apresentam teses com o objetivo de estabelecer a verdade sobre algum tema em discussão. Essas teses são discutidas num jogo de perguntas e de respostas, por meio do qual a verdade será alcançada, ou melhor, muitas vezes o diálogo conduz apenas a aporias, a um caminho sem saída, no qual ninguém tem a verdade final. Mas o específico do “diálogo dialético” é essa contraposição de ideias, cada um defendendo um ponto de vista com o objetivo de alcançar a verdade.

Mas no próprio Platão a dialética foi adquirindo um significado mais abrangente: ela deixou de ser apenas uma característica do diálogo para penetrar no próprio conteúdo do que era debatido. Assim, a dialética tornou-se uma ontologia, ou seja, uma característica fundamental da própria realidade. Aqui a contraposição não se dá mais entre argumentos, mas entre elementos do real.

Esse duplo significado do termo “dialética” permanece e é até mesmo ampliado pela tradição que se desenvolve depois de Platão. A dialética é, ao mesmo tempo, um método para conhecer a realidade e uma característica dessa mesma realidade. Isso pode ser verificado facilmente em filósofos com Hegel e Marx. Mas o objetivo deste texto não é investigar tudo isso. Eu gostaria apenas de discutir uma temática importantíssima para a filosofia dialética, que é a educação. Esse tema está vinculado ao primeiro sentido de dialética, ou seja, a dialética enquanto método para conhecer (temática que hoje em dia é estudada por uma área da filosofia chamada de “epistemologia”). E também não farei isso lançando mão de todas as visões de dialética disponíveis. Ficarei restrito a uma, a de Sócrates, apresentada no diálogo *Mênon*, escrito por Platão por volta de 402 a.c.

O diálogo começa com Mênon perguntando a Sócrates se é possível ensinar a virtude, se é adquirida pelo exercício ou, ainda, se advém aos homens por natureza (70 a²). Sócrates não responde à questão; pelo contrário, mostra que não é possível responde-la sem antes definir o que é a virtude. E nisso ele vai desfazendo pouco a pouco a certeza que Mênon possuía de saber o significado da palavra virtude. Mênon é capaz de citar várias virtudes e atos virtuosos, mas não sabe dizer exatamente o que é a virtude como tal. A cada definição dada, Sócrates mostra seu caráter limitado e às vezes até paradoxal. Não vamos nos preocupar agora com os detalhes dessa argumentação. O fato é que Sócrates prova a Mênon que ele não sabe direito o que significa virtude.

² Indicarei apenas o número do parágrafo, conforme a tradução de Maura Iglésias (PLATÃO, 2007).

Mas Sócrates não quer parar nesse ponto. Ele quer avançar na busca pela verdade. Na situação em questão, quer definir o que é virtude. Portanto, nesse ponto Mênon contra-ataca:

E de que modo procurarás, Sócrates, aquilo que não sabes absolutamente o que é? Pois procurarás propondo-te <procurar> que tipo de coisa, entre as coisas que não conheces? Ou ainda que, no melhor dos casos, a encontres, como saberás que isso <que encontraste> é aquilo que não conhecias? (80 d).

Como procurar o que não se conhece? Esse é o paradoxo da ignorância. Se você não conhece algo, como pode buscá-lo, já que não sabe o que está procurando? Mesmo que encontre, como vai reconhecer que é isso o que procura? Seria como tentar ajudar alguém a encontrar algo que você não sabe o que é. Mesmo que o objeto apareça diante dos seus olhos, não saberá que é ele que procura.

A solução que Sócrates engendra a partir desse ponto do diálogo é metafísica e até mesmo religiosa (81 b-d). Ele lembra que poetas e outras pessoas sábias de sua época consideravam a alma imortal e submetida a um ciclo de morte e renascimento. Mais do que isso, a alma teria surgido junto com todo o resto da natureza, tendo, por isso, conhecido todas as coisas desde a sua origem. Consequentemente, já estaria na alma o conhecimento da realidade. A questão não seria, então, aprender, mas rememorar (81 b-d).

Na sequência do diálogo, Sócrates tentará demonstrar a Mênon que “[...] aquilo que chamamos aprendizado é rememoração” (81 e). Ele pede a Mênon que chame um de seus escravos e, para ele, desenha no chão um quadrado. Por meio de um jogo de perguntas e respostas, Sócrates tenta levar o escravo a alcançar certos conhecimentos que não são evidentes para ele no início.

O escravo reconhece que se trata de um quadrado, em que todos os lados possuem igual extensão. Sócrates, então, leva o escravo a entender o conceito de superfície. Se a figura tivesse um lado com dois pés³ e o outro com um pé, sua superfície seria uma vez um pé. Mas, como o quadrado possui dois pés de lado, sua superfície é de duas vezes dois pés. O escravo entende a argumentação e concorda. Assim, conclui que a superfície do quadrado é de quatro pés.

³ Unidade de medida utilizada na época, correspondente ao comprimento de um pé masculino adulto. Hoje equivale a 30,48 centímetros.

Sócrates, então, lança a verdadeira provocação (82 d). Ele quer saber quanto é o comprimento dos lados de um quadrado que tem o dobro da superfície do primeiro (ou seja, oito pés). O escravo, sem hesitar, responde que os lados desse segundo quadrado devem ter o dobro da extensão dos lados do primeiro, já que ele tem o dobro do tamanho. Assim, para o escravo, os lados do segundo quadrado, com uma superfície de oito pés, deveriam medir quatro pés.

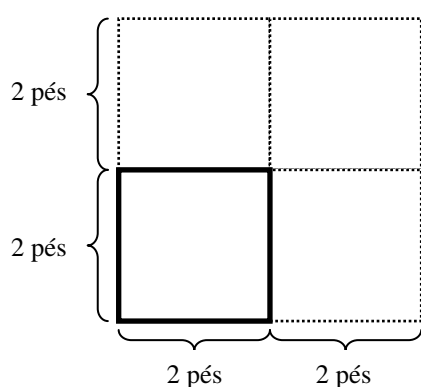
Nós, que já tivemos as lições básicas de matemática, sabemos que isso não é verdade. Sócrates também sabia. Mas ele não disse isso para o escravo, não o corrigiu diretamente, ensinando a verdade em substituição ao erro. O que acontece em seguida é algo extremamente interessante, justamente por ser muito diferente daquilo que ocorre nas práticas pedagógicas tradicionais. Sócrates perde um tempo enorme, não ensinando a verdade, mas tentando levar o escravo a descobrir seu próprio erro. Digo “perde” porque é isso o que parece para muitos leitores. Para que levar a sério a opinião do escravo se Sócrates já sabe da verdade desde o início? Claro, ele quer permanecer fiel à prerrogativa de não ensinar, mas apenas de fazer lembrar. Aqui é importante que acompanhemos o próprio diálogo:

SO⁴. [...] Afirmas que é a partir da linha que é o dobro <desta> que se forma a superfície que é o dobro <desta>? Quero dizer <uma superfície> do seguinte tipo: não que seja longa quanto a esta <linha> e curta quanto a esta, mas sim que seja igual por toda a parte, como esta aqui, porém o dobro desta, <isto é,> de oito pés. Mas vê se ainda te parece que, <formada> a partir da <linha> que é o dobro ela vai ser <assim>. _ESC. A mim, parece-me. _SO. Não é verdade que esta linha se torna o dobro desta, se lhe acrescentamos outra deste tamanho, a partir daqui? _ESC. Perfeitamente. _SO. A partir desta, pois, afirmas, formar-se-á a superfície de oito pés, se houver quatro linhas deste mesmo tamanho. _ESC. Sim. _SO. Tracemos pois, a partir desta, quatro linhas iguais. Não seria esta aqui a superfície que afirmas ser de oito pés? _ESC. Perfeitamente. _SO. Não é verdade que nesta <superfície> há estas quatro <superfícies> aqui, cada uma das quais é igual a esta que é de quatro pés? _ESC. Sim. _SO. De que tamanho então vem a ser ela? Não é de quatro vezes o tamanho desta? _ESC. Como não? _SO. Então, a superfície que é quatro vezes maior que esta é o dobro desta? _ESC. Não, por Zeus! _SO. É, antes, quantas vezes esse tamanho? _ESC. O quádruplo. _SO. Logo, menino, a partir da linha que é o dobro não se forma uma superfície que é o dobro, mas sim que é o quádruplo. _ESC. Dizes a verdade. (83 a-c).

Sócrates pergunta ao escravo se a linha de quatro pés pode ser formada acrescentando-se à linha de dois pés outra, do mesmo tamanho. O escravo, claro, concorda. Isso significa que ele já sabia disso. Entretanto, o escravo não havia

⁴ SO e ESC são as abreviações utilizadas na edição para indicar as falas, respectivamente, de Sócrates e do escravo de Mênon.

levado esse conhecimento às últimas consequências. O segmento de dois pés acrescentado a cada linha do quadrado permitirá construir no total quatro quadrados com a superfície de quatro pés, não dois como deveria ser, já que Sócrates queria um quadrado com o dobro da superfície do primeiro. Podemos visualizar isso na figura abaixo:



O raciocínio que Sócrates leva o escravo a realizar é simples. Se cada quadrado de quatro pés de superfície tem lados de dois pés, acrescentando dois pés a cada lado do primeiro quadrado (com as bordas mais escuras), serão formados mais três quadrados de quatro pés. E mais, o grande quadrado que surgir, com os lados de quatro pés, conterá quatro quadrados com a superfície de quatro pés. Mas ele deveria conter apenas dois desses quadrados para ter o dobro da superfície do primeiro. Esse é o problema! Fica demonstrado, assim, que a resposta inicial do escravo não estava correta.

Na continuação do diálogo, o escravo tentará ainda algumas outras soluções para o problema, e Sócrates, interrogando-o, mostrará os limites de cada uma, ao mesmo tempo em que fará o escravo alcançar a verdade. Mas, para a reflexão que quero desenvolver aqui, os elementos apresentados já são suficientes. Ademais, fica a recomendação da leitura dessa obra tão instigante para todos aqueles que refletem sobre as questões relacionadas à educação.

Difícilmente aceitaríamos essa ideia socrática de que já nascemos conhecendo tudo, sendo necessária apenas a rememoração. Não só porque essa ideia aparece em Sócrates misturada a concepções religiosas, mas também porque é absurdo imaginar que alguém nasça de posse já dos conhecimentos da química, da física, da história, da geografia etc. Talvez o verdadeiro sentido da concepção de Sócrates seja esclarecido por ele mesmo, numa observação que faz após

apresentar a ideia de imortalidade da alma e de reminiscência. Criticando a tese de Mênon, segundo a qual é impossível conhecer, ele afirma: “Não é preciso então convencer-se daquele argumento erístico; pois ele nos tornaria preguiçosos, e é aos homens indolentes que ele é agradável de ouvir, ao passo que este <outro argumento> faz-nos diligentes e inquisidores” (81 d).

Nota-se certo pragmatismo no argumento de Sócrates. Sua defesa da imortalidade da alma e da reminiscência é justificada por seu papel positivo em relação à atitude dos indivíduos. A crença de que o conhecimento é impossível leva as pessoas à preguiça e à indolência; enquanto a ideia de que já conhecemos a verdade, mas apenas não lembramos, alimenta nos indivíduos a curiosidade, tornando-os diligentes e inquisidores. No primeiro caso, há uma atitude passiva, em que a verdade sai de perspectiva. No segundo, o indivíduo crê que, pela sua própria atividade, poderá alcançar um conhecimento mais profundo das coisas.

A concepção pedagógica de Sócrates, assim, parte desse pressuposto, segundo o qual o indivíduo por si mesmo pode conhecer a realidade. E esse ponto de partida é realimentado no decorrer do diálogo, na medida em que Sócrates se esforça em não dar respostas, mas em mostrar que os conhecimentos alcançados no diálogo são conseguidos pelo próprio escravo.

Mas essa “pedagogia da autonomia”, se me permitem a expressão, poderia levar a um beco sem saída. Se não se deve ensinar, se o educando deve conseguir a verdade por si mesmo, o que acontece quando ele está em flagrante desacordo com a verdade? O que fazer? Não dizer nada? Admitir que cada um tem a sua verdade? Que cada um aprende da sua forma e no seu tempo particular?

Como vimos acima, não são esses os caminhos de Sócrates. E aqui está o aspecto propriamente dialético de sua concepção de educação. Sócrates toma uma verdade postulada pelo escravo e mostra que ela está em conflito com outras ideias também aceitas por ele. Na situação acima, o escravo acreditava que o lado do quadrado com oito pés de superfície deveria medir quatro pés. Sócrates, então, põe em evidência que essa crença está em desacordo com o conhecimento do próprio escravo sobre como o quadrado é construído. Assim, é o caráter contraditório de sua opinião o que a faz falsa, não a autoridade de Sócrates. O escravo foi refutado, mas ele mesmo foi o autor da refutação. Sócrates apenas fez as perguntas certas, que tornaram o escravo ciente do que já conhecia.

Mas será mesmo que Sócrates não ensinou nada, que o escravo chegou sozinho à conclusão de que sua crença era falsa? Lendo o diálogo por um viés mais crítico, não parece que esse seja realmente o caso. As perguntas que Sócrates formula são repletas de informações relevantes, como definições, associações, sugestões etc. Mas do que isso, as próprias perguntas conduzem o escravo para o modo adequado de considerar os problemas. Sem elas, possivelmente ele permaneceria disperso, não se colocaria a tarefa de refletir especificamente sobre os problemas de geometria relevantes naquele contexto.

Essa questão pode ser vista de um modo ainda mais completo evidenciando outro elemento: o papel atribuído por Sócrates ao erro. Não é por acaso que ele gasta tanto tempo na refutação das teses do escravo. Isso tem a ver com sua própria visão sobre o modo como podemos alcançar a verdade. Na dialética, o erro não é eliminado para se chegar à verdade; pelo contrário, é o erro que permite elaborar o próprio conteúdo verdadeiro. Mas como distinguir o erro da verdade, se esta não aparece pronta, de uma hora para outra? Para Sócrates, só há uma saída: a contradição. É quando percebemos que estamos em contradição que a falsidade de nossa opinião é flagrada. Por isso, o aprendizado é dialético. Nele há sempre a contrariedade, a oposição entre elementos.

Aliás, na *República*, quando Sócrates discute quais as melhores disciplinas para conduzir a alma à ciência, ele afirma o seguinte: “Os objectos que não convidam o espírito à reflexão – esclareci eu – são todos aqueles que não conduzem simultaneamente a sensações contrárias [...]” (524 b-c). Ou seja, aquilo que aparece ao aprendiz como certo, sem ambiguidades, sem confusões, não provoca o aprendizado. A verdade vai sendo construída pela superação das contradições.

Não só o conteúdo da verdade é determinado pelas contradições que são superadas, mas a própria justificação de uma tese é feita dessa forma. Quem passa pela experiência de superar visões alternativas sobre uma questão, demonstrando que elas são absurdas, por implicarem algum tipo de contradição, terá certeza da verdade, pois poderá afirmar: “só pode ser assim, porque se for de outra forma resultará num absurdo”.

Com tudo isso, pode-se caracterizar a posição de Sócrates acerca da educação como uma “pedagogia da autonomia” sim, porque para ele é o próprio aluno que precisa alcançar a verdade. Mas qual é o papel do educador?

Simplesmente endossar os pontos de vista do educando? Não, muito pelo contrário. O papel do educador é, por assim dizer, “jogar na cara” do aluno as contradições que ele mesmo não é capaz de perceber nas suas posições. O professor é um refutador. Claro, não com o objetivo sofístico de simplesmente confundir. O objetivo final é sempre a verdade. Mas o questionamento do professor deve ser capaz de problematizar de maneira pontual os preconceitos do educando. É esse o verdadeiro estímulo de que ele precisa. Assim, a maior habilidade de um educador é a capacidade de fazer as perguntas certas nas horas certas, as perguntas que dizem alguma coisa ao aluno no sentido de atingirem o cerne de suas pré-concepções sobre a verdade.

Referências

PLATÃO. *Mênon*. Texto estabelecido e anotado por John Burnet; Tradução de Maura Iglésias. 4. ed. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; Loyola, 2004.

PLATÃO. *A República*. Tradução de Enrico Corvisieri. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1997. (Coleção Os Pensadores).